

H O M E R O

H A R O L D O E B E L I N D A

DONALDO SCHÜLER

homero está perdido? Agora que Haroldo de Campos publica a tradução do segundo canto da *Ilíada*, a pergunta é atualíssima. Aqui entra Belinda. Não propriamente Belinda, mas a carta que Belinda desenterra num monturo, uma das bases de *Finnegans Wake*. Misturar Haroldo com Joyce não surpreende brasileiros. Haroldo está contaminado de Joyce há muito. Avaliemos certas conseqüências dessa contaminação.

Para Joyce, literatura é lixo. Não só a literatura que comumente chamamos de lixo, também a grande literatura: Shakespeare, Sófocles, Homero... Entre remexer lixo e procurar um livro empoadado em alguma biblioteca não há diferença. O pó, com o tempo, soterra tudo. Em planícies, montes escondem cidades como a elevação que escondia as muralhas de Tróia, não só de uma, de várias Tróias sobrepostas. Aí começa o trabalho dos arqueólogos. Chamem-se Schliemann ou Haroldo de Campos.

Nosso trabalho é o de Belinda. Revolvemos lixo à procura de textos. Encontramos Tróia, a *Ilíada*, Sousândrade... Quem fez Haroldo se interessar por Homero? Belindas como Pound e Joyce.

Vamos a *Os Nomes e os Navios*. A tarefa começa pela capa. Lêem-se três nomes: Haroldo de Campos, Odorico Mendes e Trajano Vieira. Tenho este último como companheiro de luta, helenista sério, competente, admirável. Haroldo nunca vai à poesia sem sólido apoio teórico e escolhe bem. Subamos. Sigo o mapa da carta. Chegamos a Odorico e Haroldo. Mas entre Odorico e Haroldo há a espessura de dois séculos. E que séculos! Neles apareceram o romantismo, o realismo, o naturalismo, o impressionismo, o expressionismo... Odorico é pré-romântico. O verso branco e os decassílabos são os do racionalismo setecentista. Haroldo andar­á em busca de estabilidade racional ao ar­re­pio da loucura desencadeada pelos românticos? A hipótese não é gratuita. Depois da embriaguez veio o cálculo. Vejam-se os versos e a prosa de Oswald: medida, vigilância, cortes. Guiado por Oswald, Haroldo reexamina antropofagicamente o passado literário brasileiro desde as origens e deglute estrangeiros. De Odorico caímos em Homero.

DONALDO SCHÜLER é professor de Literatura Grega da UFRGS e tradutor de *Finnegans Wake/Finnicius Revém* (Ateliê Editorial).

Os Nomes e os Navios – Homero, Ilíada, II, de Haroldo de Campos e Odorico Mendes, organização, introdução e notas de Trajano Vieira, São Paulo, Sette Letras, 1999.

Não se confundam Homero e iluministas do século XVIII. As luzes de Homero foram outras. Ele ainda se deliciava com o sabor da literatura cantada. Como seus auditórios não eram freqüentados por eruditos sisudos, não se cansava de repetir. Incoerências, contradições e omissões não o afligiam. Cantava para agradar. Quem escutava versos de Homero sentia a presença de deuses. As pessoas ficavam tomadas de pasmo. Confundiam Homero com a vida.

O Homero das cidades gregas da Ásia – a idade dos filósofos ainda não alvorecera – não entusiasma os reflexivos leitores do período palaciano. Não falta vagar aos leitores de Odorico para destrinchar períodos esdrúxulos nem paciência para alcançar o sentido de vocabulário precioso. A tradução de Odorico está a quilômetros da espontaneidade jônica. Homero está bem mais próximo da literatura de cordel do que de Odorico.

As vanguardas do século XX, voltando as baterias contra o desleixo romântico, reaproximam-se do racionalismo dos anos seiscentos e setecentos. A psicanálise ensinou que até os sonhos mais estapafúrdios podem ser enquadrados em modelos elaborados com rigor matemático. O irracional nos desafia porque queremos estripá-lo para encontrar-lhe a lógica.

Abrimos o livro de Haroldo, e já na primeira página encontramos versos que interessam à psicanálise:

“Decide o coração (e lhe parece bem):
enviar – ruinoso – o sonho ao atreide
[Agamêmnon.
‘Ôneiros’ – chamou (e asas-frases
[atalaram]):
‘alcança, oniro-fúnebre, os navios
[aqueus.’ [...]]”

Leia-se a tradução de Haroldo quantas vezes se quiser, ela é ágil, concisa, inteligente, arrebatedora, nova. Quem tem acesso ao grego de Homero descobre na tradução um Homero renovado. Coloquemos, por instantes, sonoridade e ritmo entre parênteses, para proceder a exame atento. Situemo-nos. Instado por Tétis, mãe de Aquiles, Zeus decide enviar um Sonho

enganoso a Agamêmnon, chefe supremo das forças gregas, para levá-lo intemperadamente à luta e à derrota. Este é o recurso eleito pelo pai de deuses e homens para glorificar o Aquiles humilhado.

Com a intenção de preservar sonoridade grega, Haroldo nos oferece – em lugar de “Agamenão, filho de Atreu” – *atreide Agamêmnon*. Basta volver os olhos à esquerda para constatar que Haroldo transcreveu Homero literalmente, alterando só o necessário para enquadrar o sintagma grego na sintaxe portuguesa. Ficou exótico. Grego (como qualquer outra língua) nos será sempre idioma estranho. Ganhou a poesia, sem dúvida; *atreide Agamêmnon* obriga a parar, pensar, sentir. Preservou-se a música que uma tradução menos atenta destruiria.

A passagem destaca-se também por razões teóricas. Aparece *thymós* (coração). *Thymós* não é *psykhé*. *Psykhé* é sopro, é a sombra que sobrevive no mundo dos mortos, é a imagem que, alimentada com sangue, revive. *Thymós*, ao contrário, é a cena interior que se ilumina quando alguém fala consigo mesmo. “Coração” não é tradução inadequada, desde que não se pense no músculo que bate no peito. Merece reparo o fato de Haroldo criar duas instâncias: o lugar (*thymós*) em que a deliberação (*boulé*) ocorre, distinto de outro lugar o “eu” de Zeus, que aprova a deliberação. É discutível que se possa atribuir a Homero essa dicotomia paulínica ou goethiana. Lê-se em grego que no *thymós* de Zeus desfilaram mais de uma hipótese das quais uma se impôs, a que se apresentou (*phaineto*) como a melhor. Mas tudo se passa no *thymós*. A não ser que se queira ver em *hoi* outra instância. É plausível? Em tradução rasteira, o verso diz o seguinte: “No coração dele (de Zeus) esta decisão apareceu como sendo a melhor”. Estou certo ou teremos que ver em *thymós* um lugar turbulento, sujeito a outro patamar, responsável pela escolha do mais adequado? Isso me soa platônico. A psicologia platônica já estava em Homero?

Vejamos o que se passa com *ruinoso*. Haroldo desloca o adjetivo. Em Homero, ele é atributo de sonho (*oneiron*). Entre tra-

vessões, como aparece na tradução, ele tanto pode ser atributo de *coração* quanto de *sonho*. Quem era ruinoso, o coração de Zeus ou o sonho enviado a Agamêmnon? A tradução é intencionalmente ambígua. Acontece que a ambigüidade é muito mais nossa do que de Homero. Em Homero as palavras ainda estavam presas às coisas. A ruptura de palavras e coisas, já discutida no *Crátulo* de Platão, só chegou às últimas conseqüências na lingüística moderna com Saussure. Criamos um universo de signos que se desenvolveu a distância dos referentes. Fizemos da linguagem uma máquina que produz significações. Essa ousadia distancia Haroldo de Homero. A ousadia tem conseqüências. Na tradução de Haroldo, ruinoso é o coração de Zeus, muito mais do que o sonho. Homero, embora crítico, não se atreve a tanto.

Vamos a *Ôneiros*. A sonoridade é grega. A sonoridade só, o sentido mudou. Onde Homero insiste no mesmo substantivo, Haroldo apresenta três expressões distintas: *sonho*, *Ôneiros* e *oniro-fúnebre*. Entendamos a diferença. Para Homero, o mundo é fixo. Os mesmos epítetos são incansavelmente repetidos com poucas variações. Há variações, sem dúvida e são de interesse – examinamos algumas delas em *Aspectos Estruturais na Ilíada* –, embora estejam bem longe das praticadas por Haroldo. A mais recente tradução de Homero vem de um cuidadoso leitor e tradutor de *Finnegans Wake*. Ora, Joyce dissolve antimetafisicamente todos os conceitos fixos. (Isso lembra Machado?) Até nomes próprios sofrem contínuas modificações. Na tradução de Haroldo, Joyce contaminou Homero. Um Homero recriado será sempre um Homero imprevisível. Esqueçamos Homero para saborear Haroldo no pleno império da recriação. *Ôneiros*, *oniro-fúnebre* é letal literária e psicanaliticamente. *Oniro* nos leva às análises de Freud, voltadas a experiências oníricas; *fúnebre* traduz a consciência do passageiro que corrói ossos, textos, caracteres.

Que dizer de *e as asas-frases tatalaram*? Ficou ótimo. Insuperável. Conhecíamos “palavras aladas”, fórmula, como outras, desvirilizada pelo uso e pelo abuso.

Haroldo revitalizou o que se banalizara.

Haroldo, embora econômico, não se prende a medida fixa. Os versos brancos fluem ao sabor do ritmo. A decisão é bem melhor do que escravizar a matéria a uma medida de dez ou doze sílabas. O hexâmetro grego, regido pela quantidade vocálica (combinação de vogais longas e breves), varia de doze a dezoito sílabas. Submeter essa flexibilidade a versos de dez sílabas (como faz Odorico) é uma violência. Vejamos a passagem examinada por Haroldo em Odorico:

“A Agamenon soltar por fim resolve
Um maléfico Sonho, e o chama e apressa:
“Voa, Sonso falaz, do Atrida às popas;
Quanto prescrevo, exato lho anuncia:”

Lembro a alegria que me causou o texto de Homero em grego depois de passar pelas torturas de Odorico. A tradução de Haroldo é alegre, viva, imaginativa, inteligente, poética. O Odorico de Haroldo é um ancestral assassinado, triturado, deglutido e devolvido com dobrada energia. Queremos que Haroldo continue a nos brindar com a *Ilíada* recriada em ritmo acelerado.

Voltemos a Belinda. Ela nos oferece um texto carcomido, mutilado que suscita interpretações vulgares e eruditas, fundamento de *Finnegans Wake*. As discussões que se avolumam sobre a carta descoberta por Belinda se parecem às que mantivemos sobre a tradução de Haroldo.

A corrosão do tempo não poupou Homero. O que os editores nos colocam na mesa em edições limpas e vistosas é produto de erudição especializada que laboriosamente recolheu pedaços de papiro, danificados, redigidos muito depois de época em que aedos reuniam auditórios atentos. Quem foi Homero, o que Homero escreveu ou não escreveu, o que cantou e o que deixou de cantar? – para estas questões só há tentativas de resposta. Pouco importa. Relevante é que os versos homéricos despertaram o canto de inúmeros poetas que produziram asas-frases que tatalaram e tatalam. Um desses poetas – só nos resta agradecer – chama-se Haroldo de Campos.